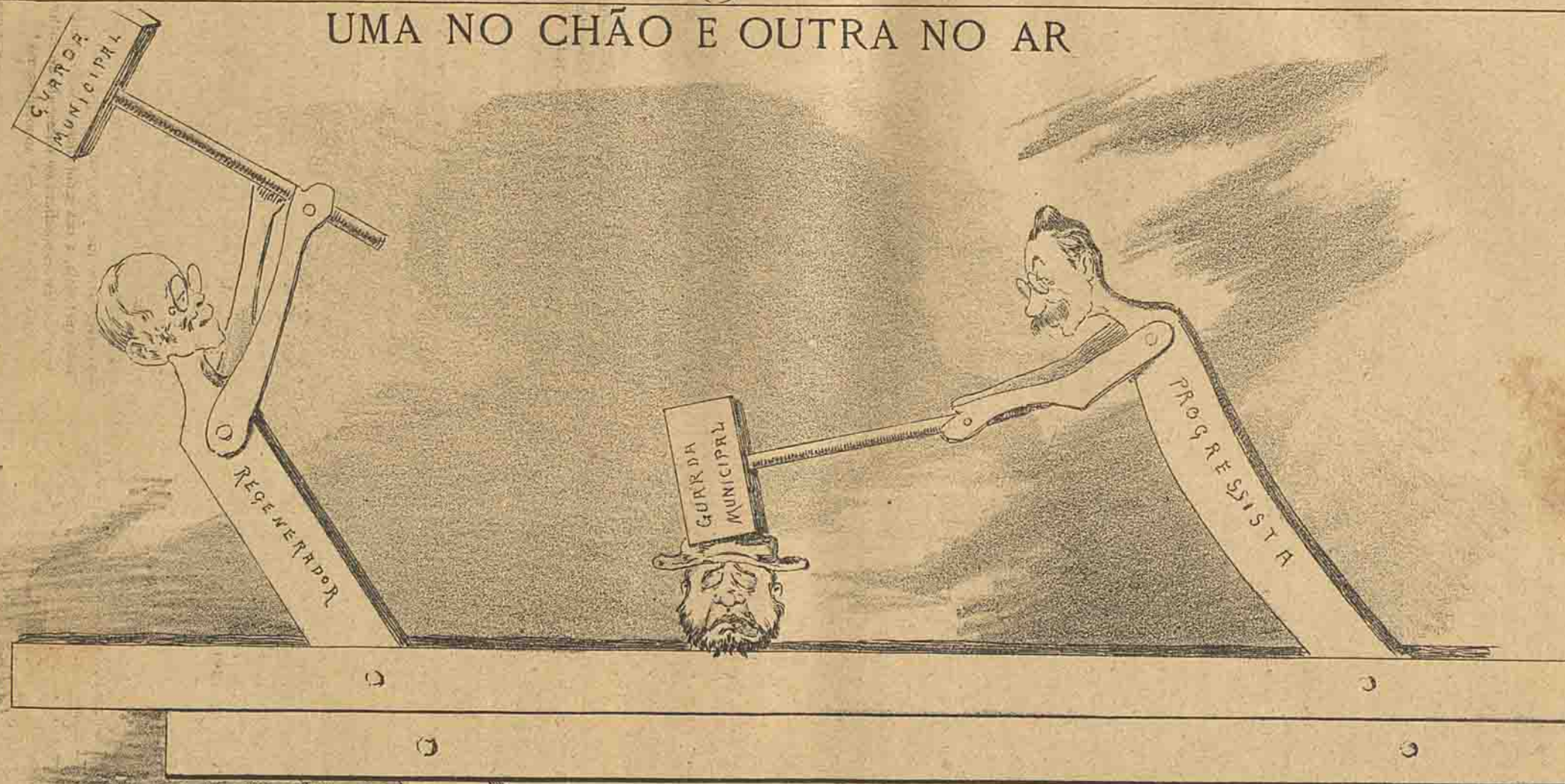


# UMA NO CHÃO E OUTRA NO AR



Os governos são como aquelles ferreiros de capellista, quando o governo X está no poder, o povo é sempre um arruaceiro que precisa de guarda municipal como de pão para a bocca, ao passo que o governo Y lhe chama povo livre que pretende zelar os seus interesses. Desce o governo X e sóbe o governo Y; é logo este quem fornece guarda municipal aos arruaceiros e aquelle quem applaude o procedimento do povo soberano.

Por isto se ve que o Zé Povinho tem nos governos monarchicos duas parcialidades que o applaudem e o zürzem — alternadamente, para não cansar o braço.

Em vendo alguém a dar-lhe palmas, já sabe que amanhã lhe dará pancada.

Gustavo Dorvallo 1887

## POR AHI...

Os representantes do povo e os representantes da igreja tiveram esta semana regabofe para dois.

Aos primeiros abriram-se as portas de S. Bento, para lhes dar entrada a tomar assento no seio da representação nacional.

Aos segundos abriram-se as portas da igreja, para lhes dar saída a tomar ar por essas ruas e travessas.

Era um gosto ver a alegria com que, uns e outros, saíam de suas respectivas casas e se pavoncavam á luz do dia, os primeiros envoltos nas suas capas de cor duvidosa, cobertas pelo pó dos seculos que mora nos armarios das sacristias, os segundos abotoados nas suas sobrecasacas novinhas em folha e maculadas quando muito pelo pó d'arroz da cara esposa, quando a referida esposa, encostando a referida cara sobre o hombro marital, disse tremula de commoção e de orgulho:

— Vae, marido da minha alma! Vae para a abertura do seio da representação nacional, a que nós vulgarmente chamamos *cambrá*... Nem tu imaginas o orgulho e o prazer que eu estou sentindo cá por dentro ao lembrar-me que tu vae para a abertura do seio...

E um longo beijo apaixonado cortava a frase, deixando no tinteiro a representação nacional.

A sessão em que se inauguraram os trabalhos da presente legislatura compareceram sessenta e nove srs. deputados.

Foi, como se vê, um numero da mais alta significação — politica.

Que esse numero hade influir fatal e profundamente na vida da actual sessão legislativa, dil-o-hão os futuros acontecimentos e já o estão prevendo adivinhos e feiticieras.

Qual, porém, virá a ser a influencia d'esse numero?

Funesta ou conciliadora?

Benefica ou desgraçada?

Sobre esta interrogação discrepam sensivelmente os adivinhos consultados.

Asseguram uns que esse numero 69, com que o parlamento iniciou os seus trabalhos, é um penhor seguro de quietação e socego, porque elle representa a igualdade e a fraternidade no mais requintado grau, como symbolo que é de perfeita conformidade, tanto visto d'um lado como observado do outro...

Desconfiam porém outros de que esse numero venha a ser um terrivel prognostico de medonhas dissidencias, e cruentas luctas, e assombrosas baralhas, visto que elle é o equivalente numerico da frase vulgar «qual de baixo, qual de cima», e que por este feitio andará a camara durante toda a legislatura...

A procissão de domingo de Ramos ia bastante concorrida mas observou-se n'ella uma coisa curiosa: a maioria dos irmãos era composta de pequenos entre oito a doze annos.

A irmandade de S. Francisco parecia a Escola Academica em dia de passeio á Avenida.

Aquella profusão de rapaziada leva-nos á conclusão de que os respeitaveis papás de S. Francisco estiveram

por longuissimos annos aposentados dos seus deveres matrimoniaes, mas que, passado esse extenso periodo, fizeram uma brilhante reedição muito correcta e muito augmentada...

Só assim se explica como o veneravel S. Francisco tem uma tal ranchada de irmãos ainda tão pequenos...

Ninguem entende estes ministros — ou são, mais naturalmente, elles que se não entendem.

O sr. Avellar Machado acaba de ser agraciado pelo sr. ministro da guerra com a commenda de Aviz, em attenção, conforme diz o decreto, «aos seus meritos relevantes e aos seus excepcionaes serviços.»

Ora d'este agraciado dizia ainda ha poucas semanas o sr. ministro da fazenda que elle houvera falsificado documentos.

Sempre nos pareceu que os alcives do sr. Marianno, chamando falsificador ao sr. Avellar Machado, se fundavam apenas n'uma suspeita do sr. ministro. Não ha peior inimigo de que o official do mesmo officio...

Afinal averigua-se positivamente que o sr. Avellar Machado não falsificou coisa nenhuma.

Se tivesse falsificado está claro que lhe não davam a commenda de Aviz.

Pelo menos, davam-lhe uma pasta

Conta o *Diario Popular* que, durante a ultima recita de S. Carlos, «a attenção do publico se dedicou principalmente para a sr.<sup>a</sup> infanta D. Antonia, cuja natural belleza, temperada de bondade angelica tanto prende e captiva.»

Effectivamente, assim como para o peixe cosido não ha tempero como o molho Nabob, assim tambem para a belleza não ha como o tempero de bondade angelica.

Arithmeticamente chega-se a esta conclusão por uma operação das mais simples:

**bondade angelica : belleza :: Nabob : x**

Multiplica-se a *belleza* pelo *Nabob*, divide-se o resultado pela *bondade angelica* e encontra-se immediatamente o *x*, que é um magnifico goraz cosido.

Acrescenta o mesmo jornal que, «ao terminar o terceiro acto, quando se percebeu que a familia real se retirava, toda a gente se poz em pé, conservando-se assim cerca de dez minutos, dando palmas e soltando vivas calorosos á gentil infanta.»

O que nós gabamos é a paciencia do publico se conservar toda uma noite com aquella manifestação retardada, dando-lhe apenas livre curso quando a sr.<sup>a</sup> infanta se já embora, que foi assim a modo como applaudil-a por sua alteza ter tomado a resolução de se pôr ao fresco...

Faz-nos lembrar o criterio d'aquelles sujeitos muito amigos d'um orador, o qual modestamente se eximia ao cargo para que o haviam nomeado, allegando a sua incompetencia, a sua ignorancia, a sua falta de talento, ao que elles respondiam no cummulo do enthusiasmo:

— Appoiado! apoiado! apoiadissimo!

PAN-TARANTULA



## THEATRO DO GYMNASIO

SABBADO 9 DE ABRIL

*Festa artistica de Guilherme da Silveira*

Espectac'lo que não presta;  
Que solemne borracheira  
Vae ser a noite da festa  
Do Guilherme da Silveira!

Que massada e que supplicio  
P'ra quem já tiver cadeira  
P'ra assistir ao beneficio  
Do Guilherme da Silveira!

Se eu proprio fiz cançoneta,  
—Vejam lá que pepineira!—  
P'ra a tal festa de chupeta  
Do Guilherme da Silveira!

.....  
Talvez que, dizendo mal  
Da festa por tal mancira.  
Fique vaga uma geral.  
Um *paraiso* ou cadeira  
E eu veja a festa, afinal,  
Do Guilherme da Silveira.

PAN-TARANTULA.



## DAS CALDAS



O conselheiro Pim começa a escovar as asneiras do anno passado, as quaes v. v. ex.<sup>as</sup> terão occasião de vêr este anno como se fossem novas.

## ESPECTACULOS

COLISEU

As novidades chovem sem cessar n'aquella casa de espectaculos.

Quasi que se não pode ir para lá sem levar de prevençao uma capa de borracha á prova de novidades!

Mr. Crowther, o homem que cortava um carneiro com a espada, já se foi embora.

Retirou de Lisboa no mesmo dia em que retirava de Berlim o general Sá Carneiro, que alli fôra fazer entrega da espada d'honra ao imperador Guilherme.

E' notavel esta coincidencia de sahir de Berlim o Carneiro da espada ao mesmo tempo que sahia de Lisboa a espada do carneiro.

Mr. Rivalli, um sujeito que não tem o seu appellido nos trabalhos que executa — como diria Mendonça e Costa — continua a fazer o mesmo que fazia Ulysses ardendo em braza sobre o mar das Trebisondas, caminhando pelas ondas como nós por nossa casa.

Mr. Rodgers faz uns exercicios espantosos, que terminam por se deixar escorregar por uma taboa, a qual taboa lhe bate n'um sitio que não se menciona em voz alta, atirando com elle para cima d'um trapesio no meio dos applausos estrondantes de todo o publico.

Esses applausos são garantia ao eximio artista de que a empreza o conservará por muito tempo sem lhe bater com a taboa no tal sitio...

PRINCIPE REAL

*A explosão da nau Chagas chama alli todas as noi-*

# O CORTIÇO



RAPHAEL BORBALLO PINHEIRO

O fazendeiro, depois de ter o cortiço bem limpo do enxame passado, acaba de chamar o enxame novo, que ha de fabricar o mel das contribuições, com que se dá, não diremos pelos beijos mas pela bolsa de Zé Povinho.  
Como estas abelhas parlamentares gostam muito de faltar ao cortiço preferindo-lhe a Avenida, muito desejaremos que antes façam cera fazendo a Avenida, de que façam mel fazendo-nos de fel e vinagre.

tes uma concorrência enorme de pessoas de ambos os sexos, sequiosas de explosões e que se não fartam de applaudir aquella, que é na verdade primorosa.

Alem de muito bem posta em scena e de excellentemente escripta, *A explosão da nau Chagas* tem ainda a recommenda-a ao publico a originalidade de ser uma peça original, o que se vae tornando entre nós uma coisa tão original que não nos espantaremos se o João de Mendonça e o Julio Rocha fizerem amantíssima exposição de si proprios, em concorrência com os noivos lilipucianos.

#### D. MARIA

O *Parisiense* é a peça da moda e na qual Augusto Rosa teve ensejo de dar largas ao seu fecundissimo talento, criando um parisiense tão perfeito, tão verdadeiro, tão bem acabado, que não seria muito se alguns parisienses de nascença tomassem o comboio de Lisboa para virem tomar com o Augusto Rosa uma duzia de lições.

Todos os outros artistas fazem os seus papeis excellentemente, e com especialidade Antonio Pedro, que representa um senhorio tão bom, tão bom, que não se nos dava habitarmos o predio de algum d'aquella raça — e até nos comprometiamos a arranjar-lhe a commenda appetecida — se a respectiva esposa levasse em gosto...

#### S. CARLOS

Terminou entusiasticamente a epocha lyrica, segundo refere o *Correio da Manhã*, accrescentando que a sr.<sup>a</sup> Stahl não cantou a *Carmen*, deixando por isso de receber uma corôa que o sr. Alfredo Anjos tinha para lhe offerecer e cujo valor seria approximadamente de cincoenta libras.

Não importa. Como o sr. Alfredo Anjos, segundo se diz, vae ser agraciado com o titulo de conde, ahi tem já uma corôa rasoavel para seu uso domestico.

#### PAN-TARANTULA. OS NOIVOS LILIPUCIANOS



—Tenemos el gusto de presentar a ustedes el sr. marquez Wolge e la señora marquez Ludgi...

Os dois juntos pesam apenas desenove kilogrammas e meio o que quer dizer que pelo peso não valem uma de X. Pelo feitio porém valem o rendimento de muitas moedas de dois tostões, que tal é o preço porque se pôde admirar aquellas notabilidades, as maiores que se nos têm apresentado — em ponto pequeno.

Para se fazer uma ideia do tamanho d'elles, bastara dizer-se que os retratos que aqui apresentamos são ampliados na razão de 100 por 1, aliás o leitor não podia observal-os senão ao microscopio.

O almoço d'este interessante casal consiste invariavelmente n'uma omelette feita d'um ovo de toutine-gra e da qual deixam quasi sempre porçãõ bastante para os criados.

Na occasião em que os visitamos offerecemos-lhe gentilmente um quarto de marmelada fina. No dia seguinte, pela manhã, o director da exposição foi encontral-os besuntados de marmelada desde a cabeça até os pés.

Pelo tamanho, imaginaram que o quarto de marmelada era um quarto de cama e n'elle passaram a noite a dormir como uns abbades, em miniatura!

S. ex.<sup>a</sup> o sr. marquez Wolge, quando se despede do respeitavel publico envia sempre, nas pontas dos seus dedinhos microscopicos, um beijo a todas as senhoras que o honraram com a sua visita.

Este procedimento tem motivado protestos por parte de algumas damas mais accentuadamente virtuosas e a uma d'estas ouvimos nós exclamar, fazendo-se vermelha até ás pontinhas das orelhas:

—O marquez ao ir-se embora  
Um beijo me dirigiu!  
Tão pequeno e tão brejeiro...  
Que fará em sendo homem!

#### CONTOS EM BRANCO

O suffragio universal ainda nos veiu atrapalhar mais na intrincada questão de resolvermos a qual dos trez poetas, de quem publicámos as produções no nosso ultimo numero, pertence a palma da victória.

*Pompilius* e *Raymundo* são os dois mais votados, succedendo porem que teem ambos igual numero de votos, o que dá em resultado ficar a eleição empatada.

Pensámos de começo em resolver tal bico d'obra annullando esta eleição e procedendo a nova votação, mas receiámos fatigar demasiadamente as forças do paiz, já tão debilitadas por um sem numero de eleições.

Assim, opinando antes pela sorte, distribuimos *cuinhos* a *Raymundo* e *cruzes* a *Pompilius*, fizemos girar sobre um prato a respectiva moeda, seguindo-lhe todos os movimentos com uma grande anciedade, por conta dos dois interessados, até que a moeda afrouxou o corripio, perdeu o equilibrio e caiu inanimada... como *Pompilius* cae decerto n'este momento, pois que venceram os *cuinhos*, dando a victoria ao seu oppositor *Raymundo*!

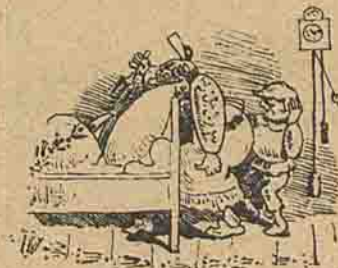
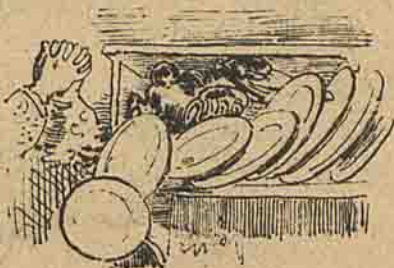
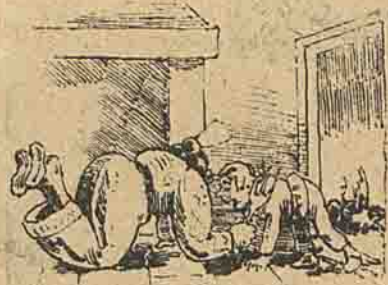
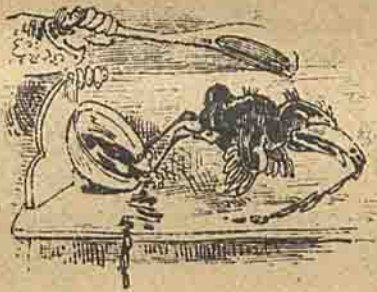
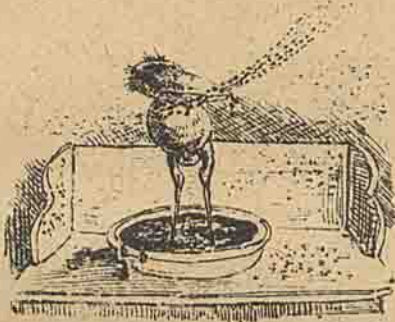
Chorae, *Pompilius*, chorae!...

E tu, felisardo *Raymundo*, podes vir buscar á administração do jornal o premio que ganhaste com o suor do teu rosto e que é...

Lá saberá o que é para a surpresa se lhe tornar ainda mais agradável...

Vejam-se nos annuncios os «Grandes Magazins do Printemps de Paris».

CONTOS EM BRANCO



# ABERTURAS

O CHEFE DO ESTADO

O CONTINUO

ZÉ POVINHO



—Está aberta a sessão!

—Toca a abrir a bocca!

—Toca a abrir a bolsa!

Gustavo Bordallo Tinoco